



ALEMANHA

Pesquisa de boca de urna estima que a aliança CDU/CSU obteve 29% dos votos nas eleições antecipadas, insuficientes para formar o novo governo. Com desempenho histórico, ultradireita comemora o melhor resultado desde a Segunda Guerra

Conservadores vencem, mas terão que negociar

Fotos: AFP

Depois de três anos de um governo social-democrata, a Alemanha deve voltar ao comando conservador, com a vitória apontada pelas pesquisas de boca de urna da aliança CDU/CSU, liderada por Friedrich Merz, que recebeu entre 28,5% e 29% dos votos. Nas eleições gerais antecipadas, a extrema-direita firmou-se como segunda principal força política do país: a Alternativa para a Alemanha (AfD) dobrou seu eleitorado em relação a 2021 e deve arrebatar 20,5% da preferência nas urnas. Foi o melhor resultado de uma agremiação ultradireitista desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Sem maioria, é esperado que Merz, 69 anos, procure o Partido Social-Democrata (SPD), atualmente no poder com Olaf Scholz, e os demais derrotados, à exceção da AfD, para compor o governo. Embora tenha flertado com a legenda durante a campanha nos debates sobre imigração, o provável futuro chanceler já avisou que não pretende tê-la como aliada. Mais antiga agremiação política alemã, o SPD enfrentou a pior derrota nas urnas, com 16,4% de votos estimados. O chanceler Olaf Scholz, que permanece interinamente no cargo, reconheceu o "resultado amargo", mas disse que está aberto a conversar com a aliança conservadora.

Na plataforma Truth Social, Trump comemorou os resultados das eleições, antecipados pela boca de urna. "Assim como nos Estados Unidos, as pessoas na Alemanha se cansaram da agenda sem bom senso, especialmente em energia e imigração, que permaneceu por tantos anos", disse o presidente. "É um grande dia para a Alemanha", acrescentou.

Defesa

O provável próximo chanceler alemão respondeu à parabenização afirmando que a Europa deve ser mais autossuficiente na defesa em relação aos Estados Unidos. "A nova administração norte-americana deixou claro que este governo é bastante



O provável novo premiê, Friedrich Merz, tem pressa em formar uma coalizão, num cenário de recessão econômica no país



Alice Weidel (centro), colíder da ultradireita: AfD espera nos bastidores para "assumir governo"

indiferente ao destino da Europa", disse Merz, que também voltou a criticar o envolvimento do magnata Elon Musk e do vice-presidente J.D. Vance na política

alemã, com o apoio declarado à extrema-direita.

Mesmo fora do governo, o AfD comemorou o resultado inédito desde o pós-guerra:

"Conseguimos um resultado histórico", disse a colíder do partido, Alice Weidel. Ela também mandou um recado à aliança CDU/CSU. Disse que prevê "um

governo instável, que não durará os próximos quatro anos". Segundo Weidel, a AfD "está esperando nos bastidores" para assumir o comando da principal economia europeia.

O próximo governo enfrentará a recessão econômica, as ameaças de uma guerra comercial com Washington e a concorrência com a indústria automobilística da China. Os custos da energia também aumentaram, o que desgastou Scholz e ajudou a Alemanha decidir, em novembro do ano passado, pela antecipação das eleições gerais, que ocorreram às vésperas do terceiro aniversário da invasão russa à Ucrânia.

O conflito armado acabou com o fornecimento de gás russo e a Alemanha abrigou mais de um milhão de ucranianos. A perspectiva de uma paz estabelecida com um acordo negociado entre Estados Unidos e Rússia, sem a participação da Ucrânia e dos europeus, é outra preocupação.

Para saber mais

Pouco popular

O advogado de 69 anos assumiu o comando da União Democrata Cristã (CDU), de centro-direita, em 2022, dois anos após a saída da líder conservadora de longa data e ex-chanceler Angela Merkel da política. Mas, diferentemente da antecessora, que tem um perfil mais calmo e de consenso, Merz é conhecido pelas declarações polarizadas, que fizeram dele um dos candidatos a chanceler menos populares da Alemanha.

Enquanto Merkel manteve uma política centrada, Merz conduziu o partido mais à direita. Na campanha, Merz criticou fortemente o governo de coalizão de Olaf Scholz, alegando que suas políticas desencadearam uma estagnação econômica severa.

Rapidez

Para governar, Friedrich Merz precisará de apoio e já avisou que não há tempo a perder. "O mundo não vai esperar por nós, não vai esperar por longas negociações de coalizão. Precisamos ser capazes de agir novamente com rapidez, para que possamos fazer a coisa certa na Alemanha, para que estejamos presentes novamente na Europa e para que o mundo veja: A Alemanha tem novamente um governo confiável", disse o líder conservador.

Na rede social X, o secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Mark Rutte, parabenizou Merz e afirmou estar ansioso para trabalhar com ele "nesse momento crucial para nossa segurança compartilhada". "É vital que a Europa dê um passo à frente nos gastos com defesa e sua liderança será fundamental", acrescentou.

SAÚDE DO PAPA

Francisco apresenta sinais de insuficiência renal leve

No 10º dia de internação, o papa Francisco não sofreu nenhuma crise respiratória, teve melhora da anemia e a trombocitopenia (queda no número de plaquetas nos sangue) permaneceu estável após as transfusões de sangue feitas no sábado. O estado de saúde do pontífice, porém, permanecia "crítico", com um novo foco de preocupação: alguns exames mostraram uma insuficiência renal inicial, leve, que, segundo os médicos, foi controlada.

"A complexidade do quadro clínico e a espera necessária para que as terapias farmacológicas façam efeito exigem manter o prognóstico reservado", indicou o Vaticano, em um boletim divulgado ontem à tarde. Isso significa que não há certeza sobre uma

possível recuperação do pontífice, de 88 anos, inicialmente hospitalizado para se tratar de uma bronquite, que evoluiu para uma pneumonia bilateral (nos dois pulmões). De acordo com o comunicado, o papa continua recebendo oxigênio.

A despeito da gravidade da situação, o jesuíta argentino quis enviar um recado tranquilizador em meio ao texto da oração dominical do Angelus. "Continuo com confiança na minha hospitalização (...) seguindo com os tratamentos necessários; e o descanso também faz parte da terapia", declarou o chefe da Igreja Católica na mensagem escrita nos últimos dias, segundo uma fonte do Vaticano.

Os próximos dias serão cruciais, de acordo com médicos.



Padres brasileiros oram pela recuperação do pontífice argentino

"A situação está cada vez mais preocupante", disse Fabrizio Pregliasco, um renomado virologista italiano, citado na edição de ontem do jornal *La Stampa*. "A idade do Santo Padre, assim como os antecedentes de saúde, como, por exemplo, a bronquite asmática, podem ter complicado as coisas e não apenas um pouco. É necessário esperar que a terapia antibiótica funcione

para evitar o risco de septicemia", acrescentou.

Entre os fiéis católicos, é grande a expectativa. Missas e orações pela saúde do papa têm sido organizadas em vários países, desde Roma, na Itália, até Argentina e Iraque. Também é grande a peregrinação ao Hospital Gemelli, onde religiosos e turistas rezam diante da estátua de São João Paulo II.

UCRÂNIA

Zelensky acena a Trump

Na véspera do terceiro aniversário da guerra na Ucrânia, Volodymyr Zelensky afirmou que renunciaria à Presidência em troca de seu país ingressar na Aliança Atlântica e desde que a Rússia seja dissuadida de uma nova agressão. "Se realmente precisarmos que eu deixe meu cargo, estou disposto", garantiu Zelensky, em uma coletiva de imprensa em Kiev. "Posso trocar pela Otan."

As declarações são uma resposta aos comentários do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que o chamou de "ditador" por permanecer no poder sem o respaldo das urnas. A Ucrânia não pôde organizar eleições devido à lei marcial em vigor por conta da invasão russa, em 2022. Zelensky afirmou que não se sentiu "ofendido" pelas palavras, pois vêm de "presidente legitimamente eleito".

Os EUA consideraram pouco realista uma adesão ucraniana

à Aliança Atlântica, já que, nesse caso, a Rússia não aceitaria colocar fim às hostilidades. Trump, que responsabilizou Kiev pela eclosão do conflito, cobra de Kiev valores investidos na guerra por meio do acesso a recursos minerais da ex-república soviética.

Por sua vez, o Kremlin, visivelmente satisfeito com a guinada de 180 graus dos EUA em relação à Ucrânia, exaltou o "promissor" diálogo entre o presidente russo, Vladimir Putin, e seu par norte-americano. "É importante que nada venha perturbar a implementação de sua vontade política", declarou o porta-voz Dmitri Peskov.

Moscou anunciou ainda que, no fim da semana, haverá um novo encontro entre diplomatas dos dois países, uma sequência da reunião realizada em 18 de fevereiro na Arábia Saudita entre os chanceleres Serguei Lavrov e Marco Rubio.